

## Um enigma do folclore gaúcho

Pedro Muiç Fagundes - ou Pedro Barga, violleiro exímio e "cantador" popularíssimo nos rições e coxilhas do Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XIX, representa, para mim, lisamente o confesso, um - quêbra-cabeça - folclórico.

Os seus rétos, embora de autoria determinada e certa, estão integrados no patrimônio folclórico do Rio Grande. O povo adotara-os, perfilhava-os, alterava-os, e de tal modo os repetia que os transformava de criação individual em criação coletiva. É de observar ainda, o que me parece de importância substancial, que, das produções de Pedro Barga, o ~~povo~~ em regra longas e de preferência em décimas, o ~~povo~~ gosto popular elegia certas passa-

gens, a que darão foi a da  
quadra, mais simples e comuns,  
incluindo-as definitivamente  
no nosso cancionário.

A Tradição conserva alguns nomes  
desses "cantadores", entre nós. Muitos  
poucos, porém, os que ficaram na  
memória dos gauchos.

Lá pelos bandos de Banguessi, Li-  
berato Gramacho deixou lem-  
brança persistente. Improvisa-  
dor fácil e irônico, tendia mui-  
to para os temas políticos; e os  
seus correligionários achariam  
infinita graça em repetir as sa-  
tiras que ele cantava ao som da  
viola, dedilhada a preceito.

Mais perto de nós, Manoel de Resu-  
trader fielmente o fundo senti-  
mental do gaúcho, a tendência  
lírica que é herança do acoria-  
no. O amor e a Tristesa são os  
seus motivos predilectos. Certo, a  
Tristesa teria de ser a sua compa-  
nheira inseparável. ... Quando um  
grupo de admiradores do velho

9  
cantor teve a generosa idéa de  
recolher em <sup>o volume</sup> ~~o livro~~ os seus impro-  
visos, e'le deu ao livro um titulo  
muito significativo: "Musa da  
noite."

Curioso, ainda, ha um traço, na  
estação ferro-viaria de Basequi.  
E' um local de grande movimento,  
por ai se cruzam, diariamente,  
os trens de Bagé, de Uruguaians,  
de Santa Maria, de Pirramento. Sen-  
tado a um banco - velho, magro,  
de pala ao pescoço, - ~~o velho~~ Maueco  
<sup>de Bene</sup> ~~era~~ a atracão dos passageiros que  
o ouviam cantar em quanto aguarda-  
vam a partida de seus trens.  
Fiel ao seu passado: tocava viola.  
Ao tempo, a gaita dominava com-  
pletamente a musica popular do  
Rio grande do Sul. Maueco de Bene  
usava Transigria: cantava ao som  
de uma viola velhissima, mal  
encordada, de que conseguia  
<sup>o vilage de</sup> arrancar tons suarissimos,  
cheios de melancolia e doçura  
Impressionante, a sua capacidade

de improvisação: alguém dizia-  
lhe ao ouvido: "No trem de Pagé,  
vem o dr. Fulano", ou, "no trem  
de Fivramento vem o coronel Fi-  
craus" e ele, imediatamente,  
cantava uma trova perfeitamente  
adequada à vida do cidadão  
indicado.

Desses "cantadores" gauchos o mais  
célebre, o mais conhecido, o mais  
popular foi, sem dúvida, Pedro  
Banga.

Parece ter nascido no município  
de Ferral, ao sul do Estado. Duplo  
meus, nessa região sempre viveu.  
Era filho de Antônio Moura Leite,  
acorianos, da ilha de S. Miguel, e  
de Francisca Fagundes de Oliveira  
natural de Mariana, Minas Gerais.  
Essa d.ª Francisca - esclarece Aureli  
Porto, autor dessa genealogia, era  
filha de Sebastião Fagundes Va-  
zêla e de Clara dos Anjos. O Aureli  
Porto formula a hipótese de que  
"Pedro Banga, admirável poeta re-  
pentista, cujas trovas estão incorpo-  
radas ao folclore rio-grandense," pro-

5  
vem dos meus troncos, que Luiz  
Nicolau Fagundes Varela, o grande  
poeta do "Evangelho das Selvas", o  
que vivia, até certo ponto, explicar  
as admiráveis faculdades poe-  
ticas do gaúcho iletrado.

"Apenas sabia assinar o seu nome",  
era tradicãõ corrente, que berimbau  
Jaques acolheu no seu "Eusáio  
sobre os costumes do Rio Grande do  
Sul", de 1883.

Na revolução Farrroupilha, Pedro  
Banga serviu a causa do Impe-  
rio, pertencendo às forças do coronel  
Silva Tavares, e com este fri preso,  
por David Banabarro, em 1896,  
no Herreal. A Pedro Banga se refere  
se fresco Varela nesses termos  
lex tuis: "gaúcho de grandes  
artes no campo de batalha, como  
seu toqueio da poesia campouia,  
pelos saltões das estâncias, toqueio  
em que na tiuka rival nos im-  
provisos à viola". (História da gran-  
de revolução, 3.º, pag. 199).

Na acredito venito na "grandes

artes" militares de Pedro Bangua. Pelo  
meus, fora desse episodio da sua  
risada, dêle não se fala mais, no  
curso da luta, sendo certo que  
seu a morrer alguns dias depois  
da paz de Poucho Verde. O que  
dêle comento, do tempo, é uma  
interessante tradição, que me  
vai me repetir, tendo-a ouvido  
de meu bisavô, que foi um ajor  
das forças republicanas de Bento  
Fonçases, com este batalhão  
o de cenio inteiro:

Preso Pedro Bangua, com Filtra Tarares,  
com este foi colocado a ferro, por  
ser considerado homem de im-  
ediata confiança do chefe legal  
Carrelha confizem o fato, no volume citado, pag. 377  
lista. No acampamento do gen-  
eral Antonio Netto, ao qual Ban-  
barro recolhera os prisioneiros,  
espalhou-se a notícia de que ali  
se achava o trovador gaúcho. E os  
soldados republicanos, no silêncio  
da noite, não tardaram a desam-  
par-o e a bravar-lhe uma viola. Pedro  
Bangua começou a cantar: suber-



8

O prestimoso Bezimbra Jacques, no  
livro citado, dá-nos apenas esta  
dêcima:

"Póde do mundo a grandeza  
Reduzir-se toda do nada,  
E ver-se toda mudada  
A ordem da natureza;  
Essa vasta redondeza  
Matizada de mil côres,  
Póde o autor dos autores  
Mudal-a em cêo de repente;  
E d'esse modo igualmente  
Póde o <sup>cep</sup> ~~cep~~ produzir flôres."

Estes versos, como veremos adiante,  
pertencem à produção mais ex-  
tensa. Agrada-a mais, de certo; e  
d'ahi correr mundo isoladamente,  
permissão do investigador colhe-la  
também isolada.

De acôrdo com os seus pei-dozes mo-  
narquistas, de soldado legalista, Pedro  
barriga rimou os versos que vamos  
transcrever. É um apêlo aos "guardas  
nacionais" que foram, realmente, no  
Rio Grande do Sul de 1835-1845, em  
grande parte, defensores do Império.

9

Nota

Guardas Nacionais briosos  
A patria de vós precisa!  
A patria, que é mãe fecunda,  
Com vosco o nome eternisa.

Glória

Se filhos de generação dos  
contra a patria se arremecam,  
Se filhos que só professam  
seguir trilhos desgraçados,  
Lobos famintos, malvados,  
Escravos ambiciosos  
Que com pastos teus briosos  
Nossos bens querem roubar;  
Monstros taes vindo esmagar  
Guardas nacionais briosos.

Não deixeis que a Tyrannia  
Levante o seu estandarte!  
Frente a frente em qualquer parte  
Combatei-a noite e dia!  
A lei seja o vosso guia,  
Que vos sirva de divisa,  
Com ella a patria eternisa  
Se augmentarem filhos e pais,  
Vinde Guardas Nacionais!  
A patria de vós precisa!

Estes vossos literaes  
 Que a lei confundis procuram,  
 Hoje relozes se apuram  
 Cravar-voos duros puntaes  
 As vidas e cabeceas!  
 É sua ambição profunda  
 Pois só de cativeira abunda  
 Essa gente que a lei pisa,  
 Porém com vósco eternisa  
A patria, que é mãe fecunda.

Correi aos campos de Marte  
 A favor da patria e leis!  
 A frente de vós vereis  
 Minerva e seu baluarte!  
 Fazei que por toda a parte  
 Resoê uma voz decisa  
 Que só tendes por divisa:  
 Manter a constituicão!  
 Vereis que a patria sintão  
com vósco o nome eternisa!

No cancioneiro gaúcho ha duas ~~to~~  
 quadras que são, ou eram, em ver-  
 dade populares. São ellas:

Troncos secos deram fructos  
 O campo reverdeceu,  
 Rim-se a propria natureza  
 No dia em que amor nasceu.

11

Póde o céu produzir flores,  
A Terra estrellas criar:  
Nã póde o meu coração  
Ser vivente sem te amar.

Nas conilhas e rincões do Rio Grande do Sul, ao som da viola, primeiro, do som da gaita, depois: ou, à luz do dia, à sombra amiga de uma ramada, enquanto se saboreava um chimarrão de topéte, e, de vez em vez, um bom trago de cachaça; ou, de noite, durante a dança, no chat batido do rancho, onde se tomava, pela meia noite, uma roda de mate com rapadura; ou ainda na sala assoalhada de uma estancia, em reuniões mais fiadas, onde uma moça, a certa hora, percorria o salão, com uma bandeja de doces, oferecendo-os aos assistentes: em qualquer desses ambientes era cetero ouvir-se, mais cedo ou mais tarde, a voz merencorosa do ~~gato~~ violino, ou do gaiteiro, falar nos trocos sécos que deram frutos, ou no coração que nã póde ser vivente sem te amar... .

Qualques dessas quadras, repetidos muy

12

veres pelos recantos da terra gaúcha,  
sã de Pedro Barga. Pertencem a  
duas produções, no seu estilo caracte-  
rístico, que vamos reproduzir, pois que  
dã idéa do estilo do cantor rio-  
grandeense.

### Nota

Pode o céu produzir flores,  
A terra estrellas criar;  
Mas pode um coração  
Ser virante sem te duar.

### Glosa

Pode do mundo a grandeza  
Reduzir-se toda a nada,  
E ver-se em tudo mudada  
A ordem da natureza.

Essa vasta redondeza,  
Matizada de mil cores,  
Pode o autor dos autops  
Mudar em céu de repente  
E desse modo igualmente  
Pode o céu produzir flores.

Pode esse sol que alheia  
Parar-se lá nessa altura,  
Feixar de horer noite escura  
E ser sempre claro dia!  
Pode também a água fria  
Ferver sem fogo e quicquar,  
Podem as brevíssimas falas,  
Tornar-se a pluviosidade,  
E feixar rir em terra,  
A terra estrellas criar.

Não dema as águas cozer  
 As orressas do costume,  
 Subir ao mais alto cume  
 É mais poderem descer!

Podem os ventos gemer  
 Amor e sentir paixão:  
 Quanto tempo a colleção  
 Tudo pode acontecer;  
 Mas deixar de te querer  
Não pode o meu coração.

Nada mais se pode ver:  
 Seccar as águas do mar,  
 O pau no ferro cortar,  
 A cere no fogo arder.  
 Também pode acontecer  
 O vento nunca reinar,  
 Emquanto o mundo durar  
 Em silencio e acossidade:  
 Mas meu coração não pode  
ser vivente sem te amar.

### Mote

Troncos secos deram frutos  
 O campo verde de cere  
 Rio se a propria natureza  
 No dia <sup>em</sup> que amor nasceu.

### Glosa

Emquanto na escuridão  
 jazia o mundo abafado,  
 Tudo existia curvado  
 Nada tinha sensação;  
 Apenas raio e clarão  
 Cusceram lenos arbustos,  
 Os proprios capulhos bentos  
 Favos de mel produziram,  
 Mansas abelhas embriaram,  
Troncos secos deram frutos!

14

Éis o mundo em movimento,  
Produzem todas as raças,  
Rebem nas douradas taças  
Que offerece um Deus verdadeiro;  
Nada entãõ lhes foi negado  
Tudo em Deus lhes concedeu,  
E quanto existia e vesceu,  
O universo se supoheu,  
A terra multiplicou,  
O campo e o verde ceu.

Desde entãõ da Dalia a' chamaua  
Apparecem mil amores,  
Perdidos por entre as flôres  
Que seus corações inflamma;  
Cupido seu rei se aclama,  
E com tanta subtilera  
Lhe mostra rara belleza  
Que seus corações enlaça:  
E desta subtil negaça  
Riu-se a propria natureza.

Ninguem lhe pôde fugir,  
E se alguém saivoso o busca,  
Cupido o arco prepara  
Para seu peito ferir,  
Té que a seus pés vem cahir  
Hucuilhado ao mando seu.  
Plutãõ mesmo se perdeu  
Seus martyrios e tormentos,  
Té se abrandaram os ventos  
No dia em que amor nos ceu.

conhecem-se, de Pedro Banga, algumas  
 outras produções. As transcritas, porém,  
 bastam para dar impressões total de  
 seu íntro, de seus processos, de suas pos-  
 sibilidades. Quanto à sua popularidade,  
 não há que discutir-a: elle foi, dos  
 trovadores ~~gossachos~~ do Rio Grande  
 do Sul, o que mais renome e fama  
 conquistou. Os gauchos e gauchos  
 de seu tempo, e ainda além de seu  
 tempo, fizeram d'elle um rate pre-  
 dilecto, um interprete autentico do  
 sentimento coletivo, uma expressão  
 genuina da alma dos paupás.  
 Entretanto, os versos de Pedro Banga,  
 até na sua forma, dão-nos a sensa-  
 ção de arte, de arte intencional, tra-  
 balhada, e não de criação exponta-  
 nea. Certos tecidos, que emprega; al-  
 guns toleiros de frase; um quasi re-  
 buscamento, em algumas imagens;  
 referencias, quasi eruditas, que se  
 nos deparam nas décimas, são de  
 modo a gerar perplexidade. O povo,  
 adotando-os, repetindo-os, não poderia  
 melhorar os versos; a sua contribui-  
 ção seria, ao invés, no sentido de  
 lhes dar feições mais simples, mais

de mesmo, mais desatarrada. As  
eterações, que fatalmente sofriam,  
vôr para vôr, do rancho para rancho,  
baile para baile, afirmam-se iam,  
em sombra de duvida, nessa direção.

ficarem, assim, diante de um ho-  
mem, quasi analfabeto, e um peiro e  
soldado, que mal assinara o seu  
nome, e que a justiça ainda consi-  
derar, nos seus condições e no seu  
tempo, um grande e verdadeiro poeta.  
Poeta, na mais larga aceção da pa-  
lavra: pois a massa popular nos seus  
versos orgulhosamente se regia, con-  
siderando-lhe as prerrogativas de inter-  
prete máximo dos seus pensamentos  
e dos seus sentimentos, das suas aspi-  
rações e dos seus sonhos.

Expressão folklórica, esses versos? A  
mesmo, mais de uma vez, fo-  
mulhei a pergunta. Fê-lo, um filho  
do povo; ~~adota~~ o e canta-o, um  
povo inteiro; a tradição com o ridi-  
cul de varias gerações os conserva: q-  
lhes falta, portanto, para serem incl-  
dos no patrimonio do folklor gauc-  
sul verdade, os versos de Pedro Bangua  
parecem extranhos ao ambiente

deles, nem uma unica vez, se fala em  
"o deus", em "trepados", em "chi-  
marra", em "galpã", em "laços  
boleia deiros", em "carreiros de  
caucha zeta", em "churrosos", em  
"marcações", em facas e pedras, em  
"piatos de curcharra", em tanta coisa  
que era habitual e corrente na vida  
do Rio grande antigo. Fugem o quai-  
squer comparações ou imagens  
diretas, em relacã, com o meio;  
têm, todas elas, caráter subjetivo. O  
poeta isola-se, nos suas creações; na  
parece ter ligacã, com a terra, com  
a paisagem, que o cerca, nem com  
a gente, com quem coexistir: e esse  
gente, que o poeta parece esquecer  
e mesmo desprezar, ama os seus  
versos, canta-os amorosamente  
e faz deles um patrimonio comum.  
É em conclusões estas que essa gente  
guardou, na indiza e no tumulto  
sua vida, um "sentido espiritual", que  
transcende da paisagem, dos costumes  
das coisas cotidianas, dos tecer  
de trabalho, e que é esse "sentido  
espiritual" que anima e vitaliza

as horas de Pedro Banga. Traduziu,  
 a margem das realidades da vida,  
 um sentimento, aquilo que antiga-  
 mente se chamava um "estado de  
 alma", que os gauchos e as gauchas  
 da época carregaram no utero,  
 disfarçado, quasi oculto. É porque  
 esse complexo sentimental era co-  
 letivo, e ele o interpretoe fielmente,  
 na forma que mais lhe couvinha,  
 Pedro Banga ficou na memoria do  
 Rio Grande.

Então, onde está o "quebra-cabeça?" Esse  
 verso, diz-me-ão, por direito liquido  
 e certo, pertencem ao folklore riogran-  
 dense. É, em verdade, assim penso. Bom,  
 porém, contestaram-me a legitimidade  
 da conclusão, recorrendo o resto,  
 causado problema da creação auto-  
riua, coletiva, como elemento funda-  
 mental na configuração folclórica,  
 remeto a durida a um conselho de  
 sabedores e doutos, para que opinem  
 em definitiva, si o entenderem apo-  
 tuoso e conveniente.